

SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO: SENTIDOS PRODUZIDOS POR JOVENS RESERVISTAS

Bruna Luiza Schroeder
Letícia Lorenzoni Lasta
Nívia Arlete de Souza Duarte
Patrícia Becker
Rafaela Henkes

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo compreender como o Serviço Militar Obrigatório é visto pelos jovens reservistas, como também, quais os sentidos que os mesmos produziram a partir dessa experiência. Tendo em vista que, de acordo com a Lei nº 4.375 de 1964, no ano em que completam 18 anos, os jovens do sexo masculino devem se alistar para o Serviço Militar, passar pelo processo de recrutamento e, caso selecionados, deverão permanecer de 10 a 12 meses no local. Nesta instituição, a hierarquia e a disciplina atuam como pilares, estabelecendo ordens e garantindo o seu cumprimento. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis indivíduos que cumpriram o Serviço nos anos de 2014 ou 2015. Para a análise de dados utilizou-se a perspectiva do construcionismo, proposta por Spink (2000), onde procurou-se evidenciar a Produção de Sentidos acerca de como os jovens compreendem o mundo e a si próprios. Foram elencadas categorias de investigação a partir dos conteúdos que surgiram na entrevista, visando um melhor entendimento desses significados e sentidos. Quanto aos resultados, emergiram o sentido de amadurecimento e aprendizagem provenientes das vivências de hierarquia, disciplina e atividades. Cabe ressaltar o papel das amizades, que se colocaram como inesquecíveis, bem como, a conotação positiva dada pelos jovens a essa experiência, mesmo havendo dificuldades. Assim, buscou-se promover reflexões sobre as formas de conceber o Serviço Militar Obrigatório, não na tentativa de eliminar o que já está posto, mas pensando as diferentes possibilidades de dar sentido à experiência no Exército.

Palavras-Chave: Exército. Serviço Militar Obrigatório. Reservistas. Produção de Sentidos.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei nº 4.375 de 1964, no ano em que completam 18 anos, os jovens do sexo masculino devem alistar-se para o Serviço Militar. “O Serviço Militar consiste no exercício de atividades específicas desempenhadas nas Forças Armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — e compreenderá, na mobilização, todos os encargos com a Defesa Nacional”. (BRASIL, 1964, *s.p.*).

Depois do alistamento, os jovens passam pelo processo de recrutamento, que consiste na seleção, convocação, incorporação ou voluntariado. Na seleção, que é o início do processo, o jovem é avaliado nos aspectos físico, cultural, psicológico e moral. Daqueles que passaram pela seleção, alguns serão convocados para prestar o Serviço Militar e, assim, serão incorporados a uma das Organizações Militares da Ativa das Forças Armadas. Se algum jovem tiver interesse em servir voluntariamente, poderá ser aceito pelos Ministros Militares. (BRASIL, 1964).

O cumprimento do Serviço Militar ocorre em uma época de transição da fase adolescente para a adulta e tem um significado distinto na vida de cada um dos jovens que nele ingressam, pois se deparam com uma série de mudanças, como sair de seus lares, adequar-se a outra alimentação, lidar com disciplina rígida, atividades físicas intensas, ou seja, eles são inseridos em um novo meio e passam a socializar-se nele. A partir de Berger e Luckmann (1996), podemos compreender que esta entrada no meio militar é uma nova forma de interação, onde os sujeitos passam a conviver com uma nova realidade e precisam adequar-se a ela. Para isso, se apropriam desse mundo, dos seus códigos e linguagens específicas; convivendo nele vão dando sentidos para as experiências e constituindo-se como sujeitos soldados.

Dessa forma, durante as disciplinas de Pesquisa I e II, nos interessou compreender como o Serviço Militar Obrigatório é visto pelos jovens reservistas, aqueles que o cumpriram no ano de 2014 ou 2015 e saíram recentemente do Exército, buscando entender como as relações cotidianas e as práticas discursivas contribuem para a produção de sentidos acerca dessa experiência. Este interesse motivou a pesquisa que foi realizada durante o ano de 2016 e aqui é apresentada.

Ainda enquanto objetivos desta pesquisa, descrevemos as expectativas que os jovens que passaram pelo Exército tinham no momento do alistamento, bem como seus reflexos na experiência de Serviço Militar Obrigatório; os fatores que marcaram a vida deles e como estes se refletem após um ou dois anos de sua saída; além de descrevermos como as vivências de hierarquia e disciplina eram e são vistas, explicitando suas percepções e lembranças a respeito deste período.

Leirner (1997, p. 9) aponta que, no que diz respeito a categoria militar, existe uma série de enunciados, vozes que proferem discursos de senso comum, produções científicas que não permitem a composição de um retrato dessa categoria. Assim, há uma série de enganos acerca do Exército e o mesmo autor salienta que esta é uma categoria pouco conhecida e sobre a qual pouco se produz; “por um lado, sabe-se que é necessário conhecer os militares, e, por outro, admite-se que tradicionalmente as ciências sociais não procuraram esse caminho”. Na presente pesquisa realizamos um levantamento de dados e pesquisas referentes ao tema, no intuito de compreender como esses jovens conviveram com o sistema proposto por lei, sua obrigatoriedade e quais as repercussões de seu ingresso no Serviço Militar, vistos após a saída do mesmo, bem como de que forma suas vivências no quartel foram significadas.

Este estudo visa contribuir para uma maior reflexão a respeito do tema proposto, que faz parte da vida da maioria dos brasileiros do sexo masculino, tendo em vista que é um campo pouco explorado e cujas pesquisas são escassas no meio acadêmico, conforme verificamos mediante a revisão bibliográfica previamente realizada. Portanto, acreditamos

ser relevante como forma de promover debates e suscitar novas produções acerca do assunto.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa transversal, ou seja, que busca compreender os aspectos que influenciaram a vida dos jovens no Serviço Militar, vistos atualmente. Utilizamos uma amostra intencional de seis jovens reservistas que cumpriram o período de Serviço Militar Obrigatório nos anos de 2014 ou 2015. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas individuais parcialmente estruturadas, configurando a pesquisa como qualitativa, seguindo a proposta metodológica de Spink (2000).

As entrevistas foram realizadas individualmente em data e local combinados com os sujeitos, conforme sua disponibilidade; foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Os entrevistados foram os jovens 1, 2, 3, 4, 5 e 61, todos residem e cumpriram o Serviço Militar Obrigatório em cidades do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2014 ou 2015. Respeitando as orientações éticas e visando preservar a identidade dos jovens entrevistados, seus nomes não serão revelados.

Elaboramos previamente oito questões norteadoras. São elas: “O que você pensava sobre o Serviço Militar e o exército antes de servir?”; “Como foi o processo de seleção? Quais foram os sentimentos que surgiram naquele momento?”; “Durante o período em que você permaneceu no Exército, sua opinião se modificou ou continuou a mesma? Por quê?”; “O que você entende por hierarquia? Você percebeu a hierarquia no exército? Descreva essa percepção.”; “O que você entende por disciplina? Como você percebeu isso no dia-a-dia do Serviço Militar?”; “Como foi a sua relação com os colegas soldados?”; “Você ficava quanto tempo fora de casa? E da cidade? Como foi para você ficar distante da família, amigos,...?”; “O que essa vivência significou para você?”.

Em relação aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, por se tratar de um trabalho acadêmico que foi tarefa integrante de uma disciplina, este não foi submetido ao Comitê de Ética, mas os princípios da ética foram mantidos. Antes da realização da entrevista, cada participante recebeu, leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que confirmou sua participação.

Para a análise de dados utilizamos a metodologia proposta por Spink e colaboradores, baseadas no construcionismo. Esta perspectiva defende que conforme a sociedade vai sendo construída, os sujeitos vão produzindo sentidos para suas experiências. A produção de sentidos não é concebida como uma atividade cognitiva intraindividual, tampouco como a reprodução de modelos já determinados. Esta é uma práxis que se dá no coletivo, através da interação e da linguagem em uso. É na construção

dos modos de ser e de pensar, na relação com o outro, que ocorre, no cotidiano, a produção de sentidos. (SPINK; MEDRADO, 2000).

Assim como em outras formas de pesquisa que buscam o entendimento dos fenômenos sociais, iniciamos o processo da pesquisa a partir da revisão bibliográfica, ou seja, antes de entrar em contato com o campo, buscamos conhecimentos pertinentes ao assunto. Dessa forma, com os dados levantados na pesquisa, surgiram as categorias que, inicialmente, guiariam a análise. Contudo, a partir do confronto dos dados pesquisados com a realidade e os conteúdos que emergiram nas entrevistas, essas categorias foram reformuladas, e reatualizadas para: 1. Expectativas no alistamento; 2. Opinião sobre o Serviço Militar Obrigatório; 3. Processo de recrutamento e seleção; 4. Hierarquia e disciplina; 5. Atividades praticadas nesse período; 6. Relações interpessoais, subdivididas em: a. Colegas e b. Superiores e 7. Relações interpessoais fora do Exército.

Seguindo os passos propostos, confeccionamos os Mapas de Associação de Ideias, onde cada categoria foi observada e analisada separadamente, sempre tendo em vista sua ligação com o todo, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos jovens, a partir destas. Portanto, foram observadas as práticas discursivas, buscando perceber o que apareceu em comum e o que foi singular nas falas dos jovens, bem como os sentidos que eles atribuem à experiência do Serviço Militar Obrigatório. (SPINK; LIMA, 2000).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise e discussão dos dados pautou-se nas categorias elencadas, onde foi possível visualizar os conteúdos que emergiram e os sentidos produzidos pelos jovens a respeito de cada uma delas. No decorrer da análise, apresentaremos algumas falas que se destacaram, relacionando-as com o referencial teórico pesquisado e com observações de outros autores sobre a temática.

Expectativas no Alistamento

Nesta categoria se questionou o que os jovens esperavam do Serviço Militar Obrigatório, bem como, seus desejos de ingressar ou não no Exército, sendo possível perceber diferentes expectativas entre os jovens quando se alistaram. Deles, dois não queriam servir, tendo em vista outros objetivos para suas vidas, relacionados a estudo e trabalho, que não condiziam com ter que sair de sua cidade e permanecer durante um ano no Exército.

“Não, não queria ir, porque eu tenho negócio próprio [...], mas não deu, acabei indo.” (Jovem 2, 13/09/2016).

Outros dois jovens demonstraram-se motivados em cumprir o Serviço Militar Obrigatório, sendo que um deles foi como voluntário. Ambos evidenciaram esta vontade,

acreditando que poderiam amadurecer e aprender coisas novas, tendo incentivo de terceiros.

Em consonância com as motivações dos jovens, Silva (2012) aponta que a experiência militar traz infinitas possibilidades que podem ser exploradas durante esse período e que também serão úteis depois, para o futuro dos jovens. Eles passam a ter uma postura mais autônoma, responsável e de autoconfiança, valores prezados na vida adulta.

Em relação ao incentivo que os jovens receberam, podemos considerar que ele é resultante das próprias experiências destes terceiros, ou, ainda, pela estima e admiração que eles têm em relação aos militares. Miranda (2012) nos fala, que após a consolidação do Estado Novo em 1930, houve a necessidade de reorganizar o Exército Brasileiro, tendo em vista uma maior coesão interna; essas mudanças foram organizando-se e, aos poucos, a instituição passou a ser reconhecida por sua identidade ímpar e por adotar uma doutrina que permitisse efeitos duradouros, para aqueles que dela compartilhassem. Concomitantemente, essa reorganização possibilitou ao Exército maior autonomia, reconhecimento social e prestígio nacional.

“Eu pensava que eu poderia crescer mais né, como pessoa né, ter uma maturidade maior [...]” (Jovem 4, 10/09/2016).

Ainda, no momento do alistamento, dois jovens relataram ter dúvidas com relação ao Serviço Militar Obrigatório, não sabendo se queriam ou não ingressar no Exército. Essas dúvidas foram principalmente em decorrência de medo, que surgiu a partir dos relatos de outras pessoas, mas, ao mesmo tempo, nutriam curiosidade. A dúvida e a curiosidade podem surgir pelo fato dos quartéis serem, em certa medida, isolados em relação à sociedade civil, o que, segundo Goffman (1974), muitos consideram como instituição total.

Opinião sobre o Serviço Militar Obrigatório

Aqui tratamos da opinião, ou seja, o que os jovens pensavam sobre o Serviço Militar Obrigatório antes de ingressar e também sua opinião durante e após o período, buscando compreender se houve ou não mudanças. Percebemos que as opiniões acerca do Exército e do período Obrigatório são norteadas pelas experiências anteriores dos jovens, ou seja, pelo contexto em que estavam inseridos antes de entrar no quartel. Assim, o grau de dificuldade é vivenciado a partir daquilo que os jovens já conheciam anteriormente.

Sobre essa influência do contexto na maneira de pensar e vivenciar o mundo de modo singular e subjetivo, Mary Jane Spink enfatiza o quanto as práticas discursivas também se constituem e são significadas através do processo de socialização, bem como, pelas experiências individuais. Assim, é possível perceber que a realidade é uma construção social, sendo constituída através da interação e da linguagem, produzindo sentidos às experiências individuais e coletivas. (SPINK; MEDRADO, 2000).

Foi possível notar que dos seis jovens entrevistados, cinco compartilhavam a opinião, anterior ao período, de que seria muito difícil permanecer no quartel, seja por relatos de terceiros ou por impressões midiáticas. Contudo, para esses cinco jovens, essa opinião foi se modificando.

“Modificou, mostrou que não era tudo aquilo que falavam, bem pelo contrário, lá é bom, a comida tudo é boa, ninguém trata mal ninguém lá, só faz o que eles pede lá, que a lei do quartel exige.” (Jovem 6, 23/09/2016).

Apenas um dos jovens acreditava, antes de ingressar no Exército, que o período seria simples, em função daquilo que via nos meios de comunicação. Ao se deparar com a realidade, se decepcionou, mas, assim como os demais jovens, após os primeiros meses, teve sua opinião, de que seria tranquilo, confirmada.

Conforme Lima (2011), essa opinião de um dos jovens, considerando o Exército como algo fácil, é pautada muitas vezes pela imagem dos guerreiros antigos, os heróis que venciam as batalhas de forma intensa. A mídia enquanto produtora de subjetividades, se utiliza desse pretexto para promover o militar como um herói, criando campanhas publicitárias onde o soldado está realizando inúmeras tarefas, se tornando reconhecido na instituição, conseguindo crescer na hierarquia, suscitando assim, um estímulo aos jovens que devem se alistar, uma vez que, acreditam nessa imagem que lhes está sendo transmitida.

Deste modo, a mídia funciona como um dispositivo de poder e de produção de subjetividades, pois, impõe modelos que devem ser seguidos rigorosamente, como aponta Silvia Rocha (2011):

“Tu via as coisas, daí tu foi pra lá, tipo, que nem eu fui pra lá e, ã... acabei me dando conta que nem era tudo que eu pensava. Porque passava na TV [...]” (Jovem 3, 23/09/2016).

Todos os jovens entrevistados, ao serem questionados sobre o significado dessa experiência, foram unânimes ao dizer que amadureceram, adquiriram responsabilidade e, ao final, avaliaram a mesma como válida. Alguns dizem não sentir saudade e que não gostariam de voltar; outros, ainda, revelam que a carreira militar pode ser promissora e uma possibilidade para suas vidas.

Quanto à obrigatoriedade do Serviço Militar, a questão emergiu em duas entrevistas, onde um jovem concordou com a obrigatoriedade e outro, apresentou dúvidas. Surgiu também, por parte de quatro jovens, a questão do orgulho de ser militar, poder participar de atividades com êxito, diferenciando-se daquelas que são comumente vividas pelos civis.

“[...] o fato de ser militar me dá um orgulho sabe, tu tem aquele orgulho... e a melhor coisa no quartel é quando tu tá lá, assim, em forma e a tua mãe bota a boina na tua cabeça... é a melhor sensação do mundo, sabe! [...] É a melhor situação! Quando tu é reconhecido lá no quartel.” (Jovem 2, 13/09/2016).

O amadurecimento relatado anteriormente, bem como, esse imenso orgulho por ser militar, estão vinculados às questões de identidade, pois, de acordo com Lima (2011) os jovens passam a ser adultos e tal experiência proporciona a criação de “uma nova identidade, uma identidade militar” (p. 29).

Também se nota que, ao vivenciar esse contexto militar, rígido e normatizado, os jovens experienciam mudanças extremas em sua vida, desenvolvendo outras habilidades e comportamentos através das atividades que lhes são impostas, onde obrigatoriamente deverão adquirir responsabilidade e maturidade, possuindo como consequência um sentimento de confiança e autonomia, os quais irão auxiliar na sua vida futura. (SILVA, 2012).

Processo de Recrutamento e Seleção

Esta categoria permitiu o entendimento do processo de recrutamento e seleção, a partir dos sentidos que lhe foi atribuído, como foi e quais os sentimentos que surgiram neste processo.

Dos seis jovens, quatro trouxeram alguns aspectos práticos a respeito do processo, como as etapas pelas quais passaram, datas e locais de inspeção, mas não relataram nenhum sentimento relacionado a este momento, mesmo que questionados. Os relatos foram ao encontro daquilo que a lei do Serviço Militar Obrigatório propõe, de que durante a seleção, o jovem seja avaliado nos aspectos físico, cultural, psicológico e moral. (BRASIL, 1964).

Em contrapartida, os outros dois demonstraram sentimento. Um deles relatou ter sentido raiva pelo fato de achar que, já no momento da seleção, houve abuso de poder por parte de alguns superiores, atribuindo essa postura à hierarquia e disciplina.

“Cara! Eu senti muita raiva [...] como é que eu posso te dizer, eles descontam as raivas em quem tá entrando no momento já do alistamento assim, tu nem tá no quartel, eles já tão descontando a raiva em ti, então, eles já ficam fazendo piadinha [...]” (Jovem 4, 10/09/2016).

Faria (1912), citado por Ferreira e Júnior (2009), apontou as funções que o soldado e o oficial devem desempenhar, estando o soldado no lugar de aprendiz e o oficial, comprometido com sua função, no papel de receber, educar e instruir estes. Segundo este relato, alguns oficiais pareceram recorrer a uma prática abusiva, fazendo uso do grau hierárquico de forma indevida e buscando meios inconvenientes para cumprir sua função.

O outro sentiu vergonha por ter ficado nu na frente dos colegas e recrutadores. No que concerne à vergonha de ficar nu na frente de estranhos, acreditávamos que esse sentimento surgiria em outras falas e que seria algo marcante.

Ainda assim, chama a atenção o fato de que os sentimentos trazidos pelos jovens tenham sido negativos. Outro aspecto a ser evidenciado é a tentativa de muitos, trazida por

metade dos entrevistados, de evitar o Serviço Militar Obrigatório, o que está diretamente ligado com a opinião e os discursos a respeito deste. Esses são aspectos que podem servir como base para novos questionamentos.

Hierarquia e Disciplina

Sendo as bases do Exército, esta categoria buscou entender se foram e como foram percebidas, pelos jovens, a hierarquia e a disciplina. A propósito disso, o Estatuto dos Militares (BRASIL, 1980) deixa essa questão bem evidenciada, ou seja, de que a hierarquia e a disciplina são a base das Forças Armadas, aí incluído o Exército. Nesse sentido, Rosa e Brito (2010) afirmam que a hierarquia estabelece aquele que dá as ordens e quem as obedece, enquanto a disciplina garante o cumprimento das mesmas, sendo que esses princípios se correlacionam estreitamente. Também apontam que quanto mais alto o grau hierárquico do militar, maior será a sua autoridade.

Um dos aspectos elencados como importantes para a manutenção da hierarquia e disciplina é a obrigatoriedade da continência, sendo esta uma forma de cumprimento que permeia todas as relações hierárquicas na instituição. Outro comportamento adotado por todos é referir-se aos superiores como “Senhor”, destacando-se o “Sim senhor; Não senhor”. Esses são exemplos que ilustram a necessidade e a importância de manter o respeito por todos, sejam superiores, colegas ou pessoas de fora do quartel.

“[...] tudo era senhor, coisa que vocês tinha que falar, não pode falar outra coisa que não seja senhor, não existe tu. Nunca fala tu. (Jovem 2, 13/09/2016).

Todos os participantes mencionaram a obediência como fator fundamental durante esse período. Nós percebemos que a obediência era uma resposta ao medo de receber punição, ou seja, entendemos que eles seguiam a disciplina para evitar que sofressem alguma sanção.

Sobre esse tema, Foucault (2004) já nos diz que todo organismo que possui algum sistema disciplinar possui também alguma forma de sanção penal e o Exército tem esses meios de sanção às infrações que lá ocorrem, tendo também suas leis e instâncias de julgamentos que lhe são peculiares. O mesmo autor acrescenta que tudo isso age na disciplinarização dos corpos e que o exame é a combinação da hierarquia que vigia e da sanção que normaliza.

“Era bem rígido. Tinha que só obedecer. Era o que eles falavam e deu. Não tinha contrariar. Não podia. Ah, tinha uns que contrariavam e... tipo, tomavam também né. Eles pegavam e mandavam tipo... lá no quartel, as coisas que tu fazia de errado... tu pagava em flexão, abdominal, tipo, tudo essas coisa sabe.” (Jovem 3, 23/09/2016).

De acordo com Leirner (1997), a hierarquia rege tudo o quanto é vivido na instituição militar, sendo o marco de divisão social de tarefas, papéis e status dentro do Exército,

estipulando o modo de agir de todos, coordenando os relacionamentos de comando-obediência, de modo a sistematizar a ação e a elaboração do conhecimento militar e mapeiam a maneira como as relações de poder devem se comportar.

Ao ingressar no Serviço Militar Obrigatório, os jovens entram com o menor grau hierárquico, sendo que ocupar essa posição dentro da instituição causa certo incômodo para os jovens, que se sentem desconfortáveis por terem de obedecer a ordens de todos os graus e não poderem usufruir de nenhum privilégio concedido aos demais.

“[...] só que, a gente era os menor, entendeu? Ai qualquer um lá podia mandar na gente.” (Jovem 1, 10/09/2016).

Nas entrevistas surgiram algumas situações específicas. Dois dos jovens entrevistados fizeram, durante o Serviço Militar, o curso que os graduou como Cabos, ou seja, ficaram em um grau hierárquico superior. Um deles foi de forma voluntária e outro foi obrigado, mas ambos gostaram da experiência e sentem-se orgulhosos com essa posição.

Outro jovem teve a oportunidade de engajar, ou seja, permanecer por seis meses no quartel além do período obrigatório. Trouxemos essa experiência porque se destacou em sua fala o contentamento por auxiliar no treinamento dos recrutas, sendo, inclusive, chamado de “Senhor”.

Ainda, um dos jovens relatou ter sofrido tortura, sendo um caso isolado, que inicialmente percebia como sendo parte da hierarquia e disciplina, mas que depois percebeu que não, caracterizando-se como um abuso de poder de um superior, que depois foi afastado. Ainda assim, o jovem atribuiu a essa experiência um significado positivo para o seu futuro.

A esse uso exacerbado de práticas disciplinadoras, podemos associar o pensamento de Amador (2009, p. 26) que, fazendo menção às reflexões foucaultianas, na obra Vigiar e Punir (1996), nos diz: “as prisões estão estabelecidas nos mais ínfimos espaços da vida cotidiana pelas práticas disciplinares [...]”. Nessa linha de pensamento, as prisões não se limitam às instituições penais concebidas para realizar a função de punição, elas podem adotar um caráter disciplinador em todo o tecido social.

Por fim, verificamos que foi unânime, entre os participantes, a ideia de que a hierarquia e a disciplina são importantes na estrutura do Exército, constituindo-se como uma forma de organização e também como instrumentos que permitem um amadurecimento e crescimento pessoal dos jovens que compartilham essa experiência.

Atividades Praticadas nesse Período

A categoria buscou entender qual o papel das atividades e como elas foram vivenciadas pelos jovens. No geral, houve compatibilidade entre as atividades relatadas por todos os jovens, algumas tendo mais destaque, o que nos leva a pensar que, independente

do quartel, do município, esquadrão ou companhia, as propostas se assemelham para todos eles.

Um dos aspectos que foi mais destacado foi a questão da faxina e outras atividades referentes à limpeza e manutenção do quartel. Os jovens relataram que são eles que mantêm os estabelecimentos e o pátio em dia, muitas vezes fazendo atividades neste sentido, o dia inteiro.

“ãh, capinar, roçar, limpar chão, limpar banheiro, o que tu mais faz é isso, faxina o tempo todo, “não tem o que fazer, vai varrer”, Varre! Varre! Varre! É só faxina! Tu pensa que tu vai dar tiro, tu pensa que vai fazer alguma outra coisa mais, sabe, sei lá, mais empolgante [...]” (Jovem 5, 29/09/2016).

Dentre as atividades mais citadas, encontra-se a experiência do campo, que acontece durante o período básico, nas primeiras semanas, aproximadamente, sendo que este tempo varia conforme o quartel. Cinco jovens trouxeram essa experiência como uma das mais marcantes e difíceis, principalmente pelo esgotamento físico e emocional que sentiram, agravados em decorrência de fome, frio e sujeira. Alguns trouxeram esta fala com orgulho, como um obstáculo vencido e outros, a qualificaram como difícil e, por isso, ruim.

Aplica-se na atividade de campo o que Foucault (2004) diz sobre o soldado do século XVIII, visto como algo que se podia fabricar, corrigindo-se paulatinamente as posturas. Lentamente, uma estudada pressão transita por todo o corpo e o domina, dobra o conjunto, transformando-o disponível, de forma perene, numa extensão quieta do automatismo dos hábitos. Os métodos utilizados no século XVII e XVIII possibilitaram controlar as operações do corpo de forma minuciosa, provocando constantemente a sujeição de suas forças, inculcando-lhe uma relação de docilidade-utilidade, o que também, certamente, está presente nas atividades de campo que hoje ocorrem.

Foi unânime entre os jovens o relato de que depois do período básico, onde as atividades são intensas e em tempo integral, manhã, tarde e noite, as tarefas ficam mais tranquilas, tendo que cumprir expediente em carga horária de aproximadamente oito horas por dia e, muitas vezes, ficando sem ter o que fazer, com exceção dos dias em que estavam de serviço, que são de guarda ou plantão.

Dentre atividades frequentes, relataram o Treinamento Físico Militar (TFM), onde praticavam exercícios físicos, cantavam os hinos do Exército e canções de esquadrão. Citaram, ainda, a Ordem Unida, e as Formaturas. Em Foucault (2004) encontramos a afirmação de que, se o manuseio das armas deve ser ensinado paulatinamente, ações como a marcha e a maneira de como portar a cabeça originam-se de uma doutrina corporal da honra.

Um aspecto levantado por alguns jovens e que, para eles, foi algo relevante e marcante, foi a presença de atividades visando a união e sua realização sempre em grupo,

nunca ficando sozinhos, objetivando um melhor desenvolvimento e aproveitamento de todos.

“[...] Tipo, era tudo, era tudo em grupo, isso era tudo em grupo, tu nunca fazia sozinho.” (Jovem 3, 23/09/2016).

Sobre essa questão, Silva (2012) informa que os vínculos de amizade feitos durante o tempo de serviço, devido ao fato de estarem ligados a situações desafiantes e marcantes, possuem a tendência de se manterem por toda a vida das pessoas.

Por fim, inferimos que as atividades geralmente são novidades para os jovens que ingressam no Serviço Militar Obrigatório, tendo em vista que a maioria deles nunca realizou tais práticas antes, em suas vidas cotidianas, as quais, embora consideram cansativas e, muitas vezes, maçantes, fazem parte da rotina do Exército e acabam sendo incorporadas durante o ano em que lá permanecem.

Relações Interpessoais

Essa categoria foi dividida em: relações com os colegas, buscando perceber as relações entre os iguais, ou seja, entre os soldados ingressos; e relações com os superiores, entendendo como esta relação se deu, uma vez que está diretamente ligada à hierarquia. Estas subdivisões foram analisadas em conjunto, visto que em vários momentos as relações interpessoais no quartel não são diferenciadas entre colegas e superiores.

A respeito do relacionamento com os colegas, a maioria dos jovens trouxe a presença da amizade como um fator muito relevante e que os ajudou a permanecer e enfrentar essa experiência, que em vários momentos, tornou-se difícil. Quatro jovens evidenciaram que já tinham alguns vínculos de amizade com colegas soldados, o que facilitou o convívio, porém, todos afirmaram que também fizeram novas amizades, principalmente com aqueles colegas com os quais mais conviviam, muitas vezes, comparando esse vínculo com o de uma família.

“[...] eles acabam virando a família do cara né, tipo, lá eu ficava mais tempo com eles do que próprio em casa [...] É, eu gostei bastante por causa das amizades mesmo... tipo, não pelo lugar, entendeu? Mais pelas amizades mesmo. Dos amigo que a gente faz, vixi, isso aí não tem preço! Os amigos lá. Bah! (emoção)” (Jovem 1, 10/09/2016).

Sobre a convivência, alguns apontaram que aprenderam, com o quartel, a conviver com as diferenças, respeitando as pessoas e buscando sempre o companheirismo e ajudando-se mutuamente, embora, às vezes, conforme alguns jovens relataram, existem competições, rixas e pequenas intrigas entre os soldados e os próprios esquadrões. De acordo com Carvalho (2009, p. 72) citado por Cardozo e Silva (2014, p. 28) “os seres humanos são essencialmente seres sociais, instintivamente motivados por uma necessidade

de se relacionar. É nessa interação que descobrem suas próprias capacidades e as exercitam”.

Em relação aos superiores, apontaram que no início, principalmente no período básico, estes eram mais rígidos, mas que com o tempo, criaram vínculos e compreenderam que cada um tinha um modo de funcionar, mais ou menos aberto, e assim puderam manter boas relações.

“[...] mas no final, eles acabam virando amigo da gente, ajudando, tem uns que viram que nem pai pra gente lá, né... dão conselho [...]” (Jovem 1, 10/09/2016).

Quanto ao caso do jovem que sofreu tortura, este apontou que após o conflito que resultou na sua punição, com a qual não havia concordado, sentiu-se perseguido pelo superior, que passou a dirigir muitas tarefas pesadas para ele e ainda relatou que o superior que praticou tal ato foi afastado em seguida.

Vários aspectos encontraram-se tanto na relação com os superiores quanto com os colegas, possibilitando perceber que em diversos momentos a hierarquia fica em segundo plano e se torna possível construir uma boa relação de vínculo e amizade entre todos, ressaltando-se momentos de confraternização e integração, entre soldados e superiores.

Deste modo, compreendemos que as relações interpessoais que foram constituídas durante o período do Serviço Militar Obrigatório foram decisivas para uma boa passagem por ele, quando estão longe da família e em um ambiente novo. A importância de relações que possam ser mantenedoras da saúde física e mental torna-se evidente neste contexto.

Relações Interpessoais Fora do Exército

Essa categoria buscou investigar como se mantiveram as relações interpessoais fora do Exército, bem como, se houve mudanças após o ingresso no mesmo. Assim, percebemos que os três jovens que residiam longe do quartel evidenciaram que a distância foi o pior elemento, em função do tempo de viagem e que tinham que ficar longe da família, dos amigos e namoradas, sendo que dois apontaram o namoro como principal fator de sofrimento, um pela saudade e outro pela cobrança.

“Ah, acho que isso era o pior! A distância é a pior coisa que tem!” (Jovem 2, 13/09/2016).

Dos jovens que serviram próximos ao local de sua residência, dois apontaram que, embora tivesse sido tranquilo, nas primeiras semanas, ficavam em contato por telefone, mas sentiram saudade.

O vínculo familiar se constitui como de extrema importância, mesmo que ocorra esse distanciamento voluntário ou involuntário, pois é através desse contexto que o sujeito inicia a formação de sua identidade. Portanto, o vínculo é imprescindível à condição humana, ao

desenvolvimento de um ser que necessita de afeto para se identificar e, conseqüentemente, construir sua própria singularidade. (SILVEIRA; FERREIRA, 2005).

Acreditávamos que a vivência no quartel e a distância causada por esse período afetariam os jovens de maneira mais forte, trazendo, inclusive, mudanças nos seus relacionamentos, porém, o impacto do distanciamento não foi uma fala recorrente. Então, concluímos que o fator distância é marcante para aqueles que prestam o seu serviço longe do lugar onde residem, embora tenhamos percebido que para a maioria deles, o apoio e o contato com a família, por telefone, principalmente no período inicial, foram muito importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre as dificuldades e pontos positivos que a realização dessa pesquisa trouxe, na busca de material teórico para embasar o estudo em questão, enfrentamos o primeiro obstáculo, que é a escassez de estudos qualitativos na área da Psicologia sobre o tema pesquisado. Outra dificuldade surgiu na busca pelos participantes, que, embora soubéssemos que fossem muitos os jovens nesta situação, poucos respondiam aos critérios estabelecidos e concordavam em participar.

Assim, fomos percebendo que alguns sentidos apareceram em diferentes categorias, reafirmando o caráter integral de cada sujeito, que não pode ter suas experiências fragmentadas. Além disso, observamos que, o que por nós é conhecido no senso comum, pode ser repensado, pois, daquilo que esperávamos e conhecíamos foi o que apareceu de menos relevante no decorrer da pesquisa.

Sobre as expectativas que tinham no momento do alistamento, não houve similaridade nas respostas dos jovens, nos levando a concluir que estas estavam diretamente ligadas às experiências e falas de terceiros, evidenciando o quanto as diferentes vozes da sociedade constituem a subjetividade de cada pessoa. Nesse sentido, surpreendemo-nos com o papel da mídia nas opiniões sobre o Serviço Militar, superando o que já tínhamos pesquisado e ressaltando o papel do senso comum na formação de opinião, também sobre esse tema. Ainda sobre a opinião dos jovens, se sobressaiu a ideia de amadurecimento e aprendizagem que o Exército proporciona, mesmo que, enfrentaram muitas dificuldades e episódios com os quais não concordaram.

Outra surpresa de nosso percurso foi a percepção de que a vergonha, que o processo de recrutamento e seleção aparentemente envolve, foi relatada por apenas um dos jovens, levando-nos a concluir que dos aspectos vividos, este acabava sendo pouco relevante, até porque, durante o período, os jovens passam a conviver com os demais e a viver esta situação diversas vezes. O mesmo ocorre com os outros episódios deste processo, que pensávamos que iriam surgir, mas se detiveram em questões práticas.

Sobre as vivências da Hierarquia e Disciplina, este foi o item mais desenvolvido por todos os jovens, onde apareceram sentimentos e falas correlatas, que nos levam a confirmar o que as pesquisas mostravam, que estas são as bases do Exército e que, ninguém que experencie o Serviço Militar Obrigatório, passa incólume por elas. Assim, surgiram muitas questões práticas e de comportamento que são semelhantes, regras a serem cumpridas, como a continência, as punições, as relações hierárquicas, entre outros.

Um fato que surgiu e surpreendeu a todas nós, foi o caso de tortura sofrida por um dos jovens. Uma situação grave e ilegal, praticada por um superior, que fez o uso abusivo de seu poder, sem o conhecimento dos demais colegas superiores. Este episódio não pode ser negligenciado e, em nossa opinião, frente a situações como essa, não podemos ficar indiferentes, devendo atentar para novas situações de desrespeito à dignidade humana, que podem se repetir.

As atividades, que pensávamos ser um dos fatores de maior dificuldade deste período, foram trazidas como inerentes ao processo, sendo lembradas como momentos de convivência e trocas, possibilitando muito aprendizado. Assim, cumprir com as atividades apresentando êxito, é motivo de orgulho para os jovens, que se sentem capazes e motivados.

Quanto às relações interpessoais com os colegas, confirmamos o que já havíamos pesquisado; é um ponto positivo e de grande influência na significação desta experiência, sendo caracterizado, por muitos, como “a melhor coisa do quartel”. Ainda, com relação aos superiores, verificamos que há a possibilidade de abertura, criação de vínculos e até amizade, superando os dados teóricos e de senso comum.

Por fim, buscamos compreender as produções de sentido dos jovens, criando, também, sentidos próprios, que foram surgindo no decorrer da pesquisa, enquanto pensávamos e falávamos sobre ela, numa construção coletiva, entre pesquisadoras e jovens. Os ganhos são de poder se apropriar do tema da pesquisa, de seus conteúdos e seus mais diversos aspectos e, principalmente, poder apreciar essa modalidade de ensino-aprendizagem, pensando esta prática e construindo um ser pesquisador.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Fernanda Spanier. *Entre prisões da imagem, imagens da prisão: um dispositivo tecno-ético para uma clínica do trabalho*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2009, Porto Alegre, BR-RS. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16313/000700555.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15 nov. 2016.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRASIL. Lei n. 4.375 de 17 de agosto de 1964. *Lei do Serviço Militar*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4375.htm> Acesso em: 16 de abril de 2016.

_____. Lei n. 6.880 de 9 de dezembro de 1980. *Estatuto dos Militares*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6880.htm> Acesso em: 11 jun. 2016.

CARDOZO, Carolina; SILVA, Leticia. A importância do relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho. *Interbio*, v. 8, n. 2, 2014, p. 24-34.

FERREIRA, Bruno Torquato Silva; JÚNIOR, Carlos Martins. O sorteio militar e a questão da profissionalização do exército no início da República. *Revista Territórios e Fronteiras*, Mato Grosso do Sul, v. 2, n. 2, jul./dez. 2009, p. 300 - 321.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 262 p.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEIRNER, Piero de Camargo. *Meia volta-volver: um estudo antropológico da hierarquia militar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

LIMA, Jaqueline. *Do dever ao devir: subjetividade, trabalho e saúde no serviço militar obrigatório*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=2514>. Acesso em: 31 out. 2016.

MIRANDA, Denis de. *A construção da identidade do exército brasileiro*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, departamento de Ciências Sociais, 2012.

ROCHA, Sílvia. “Seja você mesmo”: mídia, consumo e subjetividade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. 11, n. 4, p. 1619- 1638, 2011. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/rmes/article/viewFile/5033/4039>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

ROSA, A. R.; BRITO, M. J. de. “Corpo e Alma” nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. *RAC*, Curitiba, v.14, n.2, art1, p.194-211, mar./abr. 2010.

SILVA, Bruno Miguel Santos. *Desenvolvimento da identidade pessoal e de competências transversais em contexto militar: um estudo longitudinal dos seis meses iniciais do serviço militar*. 2012. 93 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Portugal, 2012.

SILVEIRA, Juline; FERREIRA, Maria. *A formação do apego e suas implicações na construção de vínculos futuros*. Trabalho apresentado ao Familiar e Instituto Sistêmico como requisito para obtenção do grau de especialista em Terapia Familiar e de Casal. Florianópolis, 2005, p. 5-50.

SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2000.

_____, M. J. P.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 93-122.

_____, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 41-61.